

DOS ENSINAMENTOS EPISTÊMICOS ÀS VIVÊNCIAS PSICANALÍTICAS: AS CONTRIBUIÇÕES DA PROFESSORA MARIA CRISTINA DE TÁVORA SPARANO AO CURSO DE FILOSOFIA DA UFPI

José Luís de Barros Guimarães¹

Os anos que passamos na graduação geralmente costumam ser marcante em nossas vidas, afinal de contas, esses momentos formativos que compartilhamos com os colegas de curso e com os professores/as, ao longo de quatro anos, são fundamentais para nos tornarmos os profissionais que somos hoje. A leitura dos textos, as discussões em sala, as relações de afeto que construímos nesse período, o papo com os professores, a preparação e apresentação dos seminários, as madrugadas em claro fazendo os trabalhos das disciplinas, as reflexões que guardamos na consciência após uma reunião dos grupos de estudo, as confraternizações que costumamos realizar no término das disciplinas, isto é, todas essas vivências que um estudante universitário costuma ter marca de maneira definitiva a nossa história. E arrisco a dizer, sem receio de ser injusto, que essas experiências passam a ter um significado ainda maior quando nos tornamos efetivamente professores/as.

A minha história com a Universidade Federal do Piauí (UFPI) e com o curso de Filosofia possui início em 2009, quando ingressei como estudante. Lembro de olhar com admiração e perplexidade, em um sentido filosófico, para absolutamente tudo: para a estrutura do prédio, para o fluxo de pessoas passando pelos corredores, para o fluxograma do curso de filosofia distribuído pela coordenação do curso, para os panfletos no mural do Departamento em Filosofia com os avisos de grupos de estudos e cursos de extensão. Entre vários cartazes pregados nos corredores das salas de filosofia – refiro-me especificamente aos corredores das salas 305 e 306 - um me chamou a atenção de maneira especial, a saber: o que tratava a respeito da Filosofia da Linguagem na perspectiva do Ludwig Wittgenstein. Não me recordo o nome do curso de maneira exata, mas fiquei curioso para saber como se pronunciava o nome deste filósofo alemão (risos!).

Por coincidência, eu vi o cartaz no final da manhã e o curso era no início da tarde. Resolvi, junto com alguns colegas calouros da época, ir assistir essa palestra para ver exatamente quem era esse filósofo de nome difícil e do que se tratava a sua filosofia. Ao chegar na sala, que estava organizada em círculos, me deparei com uma distinta senhora, baixinha, de cabelos loiros e olhos claros, com o sotaque do sul do país, bem como uma sagacidade intelectual e uma jovialidade de espírito que muitos professores no início de carreira não possuem.

¹ Doutorando em Filosofia pelo PPGFIL. Mestre em Filosofia pelo programa de Pós-graduação em Ética e Epistemologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professor assistente da UFPI no Campos de Bom Jesus, CPCE.

Lembro de me encantar com a força daquela admirável professora. Antes que eu perguntasse para alguém o seu nome, pude ler no slide o seguinte nome: professora Doutora Maria Cristina de Távora Sparano. Não lembro se cheguei a dizer isso pessoalmente para a professora Cristina, educadora e ser humano incrível que pretendo homenagear neste texto, tendo em vista a sua inestimável contribuição no curso de Filosofia da UFPI, mas o meu interesse por epistemologia e filosofia da linguagem foi fortemente influenciado por suas aulas. Felizmente, tive o privilégio de ser seu aluno em Teoria do Conhecimento I, Teoria do Conhecimento II, Filosofia da Linguagem, História da Filosofia contemporânea II, além de vários cursos e grupos de estudo do pensamento psicanalítico de Freud e Lacan. Aliás, não apenas eu, mas toda a turma de filosofia de 2009, a primeira aderir ao currículo novo na época, temos a professora Maria Cristina como a nossa principal referência intelectual no âmbito da epistemologia. E não apenas por ter um conhecimento profundo sobre Filosofia Analítica, mas por conseguir criar pontes epistemológicas profundas com os seus orientandos e alunos.

Tenho plena consciência de que o pouco que sei a respeito de Descartes, Hume, Kant, Frege, Rorty, Wittgenstein, Filosofia Analítica e, principalmente, sobre a vida, eu aprendi ouvindo as suas reflexões epistêmicas sobre a existência. Porém, gostaria de relatar aqui uma experiência impactante e única que participei sob a sua orientação. A educadora Cristina, promoveu uma experiência bastante relevadora e intensa do ponto de vista existencial: a criação de um Cartel que, por sua vez, consistia em proposta psicanalítica de leitura de textos temáticos, uma espécie de “terapia um grupo”, inspirado na psicanálise lacaniana. Tivemos a experiência, a partir da sua imensa capacidade filosófica e psicanalítica, de encararmos de frente os nossos desejos, as nossas limitações e traumas. Os encontros semanais produziam uma sensação catártica de entender os traumas e aliviar as dores. Era uma imersão profunda nas raízes do nosso próprio ser e uma clarividência psicanalítica da nossa estrutura psíquica que em poucos momentos da minha vida eu tive a possibilidade de perceber.

Não há palavras que consigam descrever o quão profundo e intenso foi esta vivência psicológica, mas não tenho a menor dúvida de que os meus colegas de graduação que participaram deste mergulho existencial comigo (Layane Veloso e Sérgio Barroso) certamente, compreendem perfeitamente do que estou a relatar. Transformar uma proposta acadêmica em um exercício de autoconhecimento é uma qualidade destinada as educadoras de alma. E a professora Cristina, apesar da sua pequena estatura física, é literalmente uma gigante do curso de Filosofia.

Foram muitos os ensinamentos filosóficos que adquiri a partir das experiências que tive com esta admirável educadora (que atua como professora efetiva no Departamento de Filosofia da UFPI desde 2009). Para além dos conhecimentos que adquiri com as disciplinas ministradas por ela, bem como desta profunda experiência psicanalítica que descrevi compactamente acima, talvez uma das suas qualidades mais admiráveis, seja a sua jovialidade de espírito perante ao seu ofício e a sua vida. A pensadora Cristina, no esplendor da terceira idade, atua no ensino, na pesquisa e na extensão da UFPI, sejam nas atividades da graduação ou da pós, com uma sagacidade, disposição espiritual e intelectual digna de aplausos. E eu, jovem professor de filosofia, que estou iniciando a minha jornada intelectual como professor universitário, espero que daqui há 35 anos eu tenha metade da disposição, da altivez, da lucidez, da generosidade e da sapiência da Cristina perante conhecimento, à filosofia, a educação e à vida.

Há muitas outras histórias marcantes com a Cris que certamente poderiam ser descritas nesta minha singela homenagem. Assim como também há inúmeros ex-alunos/as do curso de filosofia que nutrem um imenso carinho, respeito e admiração por tudo que ela nos ensinou e representa como professora da UFPI. E essas marcas educacionais que carregamos no coração fazem parte do conjunto de coisas que a linguagem talvez não seja

capaz de comunicar. E para usar da última proposição do *Tractatus Lógico-philosophicus* do grande Ludwig Wittgenstein, filósofo que passei a admirar profundamente em razão das suas brilhantes aulas, “sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar”.

Obrigado, professora Cristina! Receba o dito e o não dito, como a expressão mais pura da minha eterna gratidão!